



**DOSSIÊ TEMÁTICO:
O TURISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Entrevista



**Afroturismo e turismo brasileiro na África: iniciativas e alternativas.
Entrevista de Carina Santos**

Por Carina Santos e Antonio Gomes de Jesus Neto

Carina Santos
Bacharel em Turismo pela Universidade Federal
de Juiz de Fora (UFJF)
Fundadora da Afrotrip Brasil
Contato: afrotripbrasil@gmail.com

Antonio Gomes de Jesus Neto
Doutorando no Programa de Pós-Graduação
em Geografia Humana (PPGH),
Universidade de São Paulo (USP);
Membro do GeoÁfrica
<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>
Contato. antoniogjneto@yahoo.com.br

Biografia da entrevistada. Uma pessoa apaixonada por viagens e tudo que o turismo pode proporcionar. Seguindo esta linha, visitou 13 países e, após realizar duas viagens em específico (Europa 2015 e Moçambique 2018), teve a coragem de colocar o sonho de abrir uma agência de turismo afrocentrada em prática. Então, ela acredita no poder transformador e criativo que o turismo proporciona, e desde 2006, quando ingressou na graduação pela UFJF, tem se dedicado inteiramente a este setor.



Como citar:
SANTOS, C; JESUS NETO, A. G. Afroturismo e turismo brasileiro na África: iniciativas e alternativas. Entrevista de Carina Santos. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 3, p. 12-16, jul.- set. 2022



Apresentação. Construído social e historicamente, o imaginário internacional do turista brasileiro é formado, em grande medida, por destinos da Europa Ocidental (Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha etc.), dos Estados Unidos da América e, especialmente pela proximidade geográfica, da América do Sul (Argentina, Chile, etc.). Apesar de ser possível rastrear algumas dinâmicas ao menos desde a década de 1980, foi com a reaproximação política e econômica do Brasil em direção à África, no alvorecer do século XXI, que os olhos do turista brasileiro passaram a mirar também para esse continente, e pouco a pouco países como África do Sul, Egito, Marrocos, Quênia, Tanzânia e Etiópia passaram a ser destinos procurados por certos tipos de turistas brasileiros – mesmo que de maneira tímida quando em comparação com os destinos mais consagrados. Dentre outros fatores que facilitaram este processo, está a ampliação de voos diretos com origem no Brasil e destino em cidades africanas nas últimas duas décadas – em que pese, mais uma vez, sua menor densidade em relação ao hemisfério Norte e à América do Sul. De maneira geral, contudo, esse turismo brasileiro para a África tem sido muito focado em safáris, resorts e parques naturais (para a África Subsaariana), e em certo “exotismo” (questionável) atrativo de países muçulmanos da África do Norte, quase nunca dedicando atenção à riqueza e diversidade histórica, cultural e econômica dos 55 países do continente (a única exceção, talvez, sendo a

Etiópia). Ademais, esse turismo tem sido também amplamente dominado pelas agências de viagens tradicionais, que têm passado, nas últimas décadas, por um processo de grande concentração em poucas (e poderosas) empresas cada vez mais baseadas em vendas pela internet. Na contramão dessas macrotendências, porém, os últimos anos tem revelado a ascensão de um tipo de turismo relativamente “alternativo”, constituído de iniciativas muitas vezes individuais e igualmente possibilitadas pela difusão da internet e das redes sociais, e que organizam viagens para pequenos grupos visando destinos nem sempre oferecidos pelas grandes agências tradicionais. Especificamente em relação ao turismo brasileiro para a África, diferentes veículos de mídia têm destacado o fenômeno do Afroturismo, no qual diversas iniciativas de pequena escala (geralmente capitaneadas por mulheres negras) tem oferecido viagens que propõem outros olhares para os países africanos, além de, no território brasileiro, promover também pacotes voltados ao conhecimento das rotas e lugares da população negra do país. Nas próximas páginas, nossa entrevistada conta um pouco sobre sua experiência de vanguarda com o Afroturismo, mostrando que outra forma de turismo brasileiro na África é, sim, possível. Bem vindxs ao mundo do Afroturismo, e boa leitura!



Entrevista de Carina Santos¹

Boletim GeoÁfrica. Para iniciar nossa conversa, acho que poderíamos falar um pouco sobre o conceito de Afroturismo. Quando, e em que contexto, ele surgiu? Que tipos de turismo ele abarca? Em linhas gerais, como está o desenvolvimento do Afroturismo no Brasil hoje?

Carina Santos: Sinceramente eu não sei exatamente quando ele surgiu, risos! Durante minha graduação, entre 2006 e 2010, eu nunca escutei nada sobre este termo. E mesmo depois de formada, trabalhando em agência de viagens, continuei não escutando nada sobre. O contexto do surgimento eu acredito que esteja relacionado com a experiência do turista preto que viaja pelo mundo afora, e começa a se questionar: onde estão os meus? Onde está a minha história? Assim como aconteceu em outros setores, como por exemplo, produtos para cabelos crespos. Confesso que quando voltei da Europa, em 2015, eu pesquisei por empresas pretas americanas e descobri que este tipo de turismo por lá já era conhecido, tinha muitas agências e turistas inseridos nesse contexto, nesta época no Brasil eram poucas iniciativas. E com o sucesso das redes sociais, as conexões foram maiores e hoje já vemos empresas de turismo na Colômbia, Portugal, França, mas acredito que o início se deu por uma demanda do próprio turista. O Afroturismo engloba experiências de turismo que insiram a história e o fazer preto além do viés da escravatura e acolhe o turista preto em um espaço seguro para que ele compartilhe suas vivências e tenha o seu lugar de fala. Valoriza pessoas que foram historicamente apagadas, como o Quilombo dos Palmares na Serra da Barriga, em União dos Palmares. O desenvolvimento do Afroturismo no Brasil está na sua melhor fase, hoje falamos sobre isso, hoje é possível fazer experiências de afroturismo em vários lugares do Brasil. Embora a caminhada seja mais longa e árdua para este setor, já avançamos se eu comparar com a época da minha graduação, que como mencionei acima, nem sequer foi abordado este tema. Participar desta entrevista para mim é uma grande vitória, à medida que a academia agora já fala sobre nós.

Boletim GeoÁfrica. Conte um pouco para nós sobre a história da Afrotrip Brasil. Vocês também organizam pacotes de viagem para a África, certo? Com quais países vocês trabalham, e por que vocês os escolheram? Qual o perfil das pessoas que viajam com vocês?

¹ A entrevista foi realizada por e-mail. As respostas foram recebidas em 23 de agosto de 2022.



Carina Santos. A Afrotrip Brasil é a união de dois projetos anteriores: a Black Travelers (uma agência receptiva) e a Destino Afro (uma agência emissiva). Ao longo dos anos, entendi que precisava unir as marcas em uma, e isso aconteceu em maio de 2022, quando mudamos tudo: nome, identidade e logo! Organizamos pacote de viagens em grupo para África e países da Diáspora. Eu gosto de visitar o país antes de propor o roteiro aos nossos clientes, mas em linhas gerais escolhemos lugares que tenham o português ou espanhol como idiomas oficiais, para facilitar a conexão dos clientes, com boa logística para voos e passeios terrestres. Nossos clientes são 99% pretos e mulheres e que estão indo a primeira vez a África ou a uma viagem Afrocentrada.

Boletim GeoÁfrica. *Pesquisando os sites das agências de viagens tradicionais, fica claro que o turismo para a África Subsaariana oferecido no mercado brasileiro é o turismo dos safaris, reservas naturais e resorts. Por outro lado, sobretudo nos destinos da África do Norte, há uma clara valorização do “exótico”, mas sempre com o chamariz da riqueza e do luxo. Que tipo de turismo vocês oferecem na Afrotrip? Há alternativas ao turismo tradicional das agências de viagem para a África? Como vocês encaram o chamado “heritage tourism”, ou “turismo de patrimônio (cultural)”?*

15

Carina Santos. Nós oferecemos um turismo afetivo e de experiência. Queremos que nosso cliente se emocione com a viagem, que interaja com as pessoas, que dance, que cante, e que entenda que a África é um local riquíssimo em culturas, histórias, festivais e passeios, que vão além de safári e voluntariado. Por isso, eu gosto de visitar o destino antes de propor o roteiro, pois nas minhas viagens não faço apenas os passeios tradicionais, na verdade eu crio roteiros que não estão em nenhuma agência. São feitos com afeto a partir da minha experiência ou de pessoas que colaboram conosco. Alternativas ao turismo tradicional vai acontecer com empresas não tradicionais, como a Afrotrip, ou algumas agências receptivas locais, porém são as tradicionais que realmente dominam a maior parte do mercado e influenciam muitos turistas.

Boletim GeoÁfrica. *Imagino que a questão da logística seja um desafio para vocês quando organizam viagens para o continente africano. Como tem sido as experiências de vocês com o transporte aéreo Brasil-África? Vocês priorizam rotas diretas com o continente, ou também trabalham com escalas na Europa e/ou Oriente Médio? Uma vez em um país africano, como vocês fazem os deslocamentos internos? Há parcerias com empresas locais?*



Carina Santos. É um grande desafio, principalmente pós-pandemia. É uma nova era, e a África está sem a retomada dos voos. Sei que isso é racismo, que exclui um continente com 54 países na rota do turismo Brasil x África. A nossa última experiência com a TAAG foi péssima, estamos processando esta empresa por não nos deixar seguir a viagem para o destino final (Maputo, Moçambique) em julho de 2022. Priorizamos atualmente empresas sérias. Voos diretos atualmente só tem a TAAG e a Ethiopian Airlines, e os valores subiram exponencialmente comparado ao período pré-pandemia. Isso mais uma vez é racismo, uma vez que o público preto não está preparado para pagar tarifas tão altas. Nos países que fazemos pacotes, sempre trabalhamos com agências locais e eles nos auxiliam com deslocamento interno.

Boletim GeoÁfrica. *Aparentemente, parte importante das iniciativas do Afroturismo no Brasil (pelo menos as disponíveis na internet) são capitaneadas por mulheres negras. Isso seria uma resposta às experiências prévias das mulheres negras como turistas? As mulheres negras também tem demonstrado interesse em viajar para a África?*

16

Carina Santos. Acredito que sim, como mencionei acima 99% das minhas clientes são mulheres. Acredito que a mulher tem mais coragem em topiar uma viagem dessa sozinha.

Boletim GeoÁfrica. *Além de viagens para o continente africano (foco principal da nossa entrevista), o Afroturismo também tem como objetivo percorrer rotas e lugares da população negra no Brasil. Você poderia contar um pouco como tem sido essas experiências? Há algum diálogo com a academia na elaboração desses roteiros, e especialmente com a Geografia?*

Carina Santos. Sim, o Afroturismo tem alcançado muitas cidades no Brasil. Neste tempo que atuo na área não vejo a academia participar na criação de roteiros. A parceria tem sido muito através das redes, eu participo de grupos de Afroturismo, que reúnem profissionais de várias partes do Brasil que trocam experiências, que promovem roteiros, que visitam comunidades Quilombolas, Festivais Culturais, Terreiros de Candomblé, Escolas de Samba, Escolas de Percussão e assim vemos este setor ganhar cada dia mais corpo e voz!

***Para saber mais sobre a Carina Santos, e sobre a Afrotrip Brasil, acesse:**
<https://www.afrotrip.com.br/>